

Introdução

Sandra Eckschmidt¹

Rosemeire Laviano²

Este texto pode ser caracterizado como um ensaio descritivo e reflexivo sobre o grupo de estudos *Observação do Brincar das crianças na Educação infantil: um olhar fenomenológico*, que aconteceu durante o segundo semestre de 2019 na Faculdade Rudolf Steiner³, que investe no elemento transformador da educação e está alicerçada em uma concepção de ser humano integral, tal como concebida na Antroposofia.

O grupo de *Observação do Brincar das crianças na Educação infantil* nasceu da intenção de se criar um espaço de produção de conhecimento e troca de experiências no âmbito da observação do brincar livre de crianças na educação infantil. O objetivo principal foi praticar exercícios de observação goetheana construindo um conhecimento participativo e holístico sobre a criança e o brincar. Portanto, este grupo de estudos, diferentemente de outros, não se debruçou exclusivamente sobre a leitura de livros e textos, mas sobretudo, nos encontros exploramos modos de observação da criança e do seu brincar. A partir das reflexões em grupo foram indicadas leituras relacionadas ao tema. Cada participante também tinha um diário de campo, onde eram compartilhadas observações realizadas e feitas nos seus cotidianos escolares. Estas descrições e reflexões fizeram parte de um modo de observar a criança muito além de uma prática instrumental, onde a ideia era se aproximar da criança e observar a sua expressividade no brincar.

“A diferença está em ouvir as crianças e acolhê-las em seus pontos de vista – algo aparentemente despojado, quase ingênuo; chamo a isso um tipo de atitude de ‘agachamento’, de modo a ir perto do chão onde a criança habita. (MARCONDES MACHADO, 2010, p. 12)

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora da Escola de Educação Infantil de Pedagogia Waldorf Casa Amarela e da formação em Pedagogia Waldorf de Florianópolis. Conselheira do projeto Território do Brincar. Atua na área da infância, do brincar, educação infantil e narrativas autobiográficas sobre a infância. Pesquisadora do Núcleo Infância Cultura e Arte. (NICA/UFSC)

² Mestre em Saúde da Comunicação Humana pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Graduada em Pedagogia e Letras com formação em Pedagogia Waldorf pelo Centro de Formação de Professores Waldorf de São Paulo. Certificação em Recursos Especiais pela Association for a Healing Education. Professora durante 12 anos na Educação Infantil Waldorf. Docente da Faculdade Rudolf Steiner e do programa Infância Vivenciada Primeira Infância. Consultora educacional, certificada em Gestão de Mudança pelo Instituto Ecosocial e no Programa de Preparação de Tutores pela FEWB. Autora do livro e docente do curso A Arte de Educar em Família. Contadora de histórias.

³ Para Mais informações: <http://frs.edu.br/faculdade-rudolf-steiner/>

No grupo havia em torno de 70 participantes, educadores de escolas públicas, organizações não governamentais, escolas particulares, escolas da Pedagogia Waldorf e estudantes da própria faculdade Rudolf Steiner. A quantidade e diversidade deste grupo de estudos trouxe desafios iniciais que logo foram aquietados pela riqueza dos depoimentos e reflexões dos participantes. Para o fechamento deste processo decidimos fazer um texto com uma escrita que pudesse representar a coletividade onde diversas vozes do grupo⁴ pudessem contribuir com suas experiências de observação.

Rudolf Steiner⁵, ao se responsabilizar pelos escritos científicos de Goethe⁶ se encanta e aprofunda sua forma de fazer ciência tornando este caminho a base epistemológica da antroposofia. O interessante nesta forma de observar é a sua grande aplicabilidade, possibilitando o acesso a esta metodologia pelo nosso próprio esforço e interesse. Estes encontros foram apenas os primeiros passos de um caminho que exige estudos e aprofundamentos e que os encontros deste semestre não tinham a pretensão de esgotar o tema, mas sim, inspirar os educadores a importância da observação. Por isto, metodologicamente escolhemos trilhar por exercícios práticos de observação e apresentar referências bibliográficas que pudessem ajudar a aprofundar o que o grupo descobria durante os exercícios.

Encontros e relatos

Cada encontro tinha a duração de quatro horas. Na primeira parte fazíamos exercícios de observação e leituras sugeridas sobre o tema e no segundo momento os relatos dos diários de campo eram compartilhados. Para exemplificar e relatar o caminho de observação proposto neste grupo, partiremos dos desafios e registros de observação, além das reflexões que foram feitas pelos participantes durante o processo.

O primeiro desafio que surgiu foi escolher o foco de observação durante o brincar livre composto pela diversidade de crianças, brincadeiras e o intenso movimento. Como seria feita

⁴ Os depoimentos compartilhados neste texto foram autorizados pelos seus respectivos autores.

⁵ Rudolf Steiner, introduziu a Pedagogia Waldorf em 1919, em Stuttgart, Alemanha, inicialmente em uma escola para os filhos dos operários de uma fábrica.

⁶ Uma importante referência bibliográfica para a compreensão do estudo de Rudolf Steiner sobre a visão científica de Goethe é o livro: A obra científica de Goethe: teoria do conhecimento na cosmovisão de Goethe.

esta escolha, se não estávamos partindo de uma pergunta específica de comportamento ou aprendizagem do aluno, como usualmente é direcionado o olhar do professor, quando ele se coloca para observar o seu cotidiano escolar? O nosso olhar está, muitas vezes, mais relacionado a responder perguntas pré-estabelecidas do que a uma atitude aberta e interessada de observação para cada gesto, palavra, expressão da criança. Nesta abertura de estar disponível para a observação surgiu a percepção de que muitas vezes “fomos escolhidos” por alguma criança ou situação.

Após os encontros e as leituras, posso dizer com mais segurança que fui escolhida pelo fenômeno. Entre tantas crianças e situações, dediquei a observação profunda e os registros aos gestos de um garotinho de cinco anos⁷... (Mariane Della Negra)

Em uma tarde ensolarada, todas as crianças brincando com bolas. Cordas e bonecas, quando de repente a pequena H. se destaca na frente de meus olhos.... (Maria Fernanda)

Foi pela experiência de observar, que o grupo foi percebendo que para este processo não é apenas o adulto que escolhe, mas no meio de um brincar intenso também tem alguém, uma situação que se mostra quando estamos abertos para esta proposta. A ideia não é sair em busca de..., mas deixar que aconteça um encontro entre o fenômeno e o observador. A respeito desta primeira descoberta, que tem sua importância porque muda completamente a postura do educador, Ricardo Ghelman⁸ coloca a necessidade de “calma interior” como uma das condições para que este processo de observação possa acontecer.

Logo surgiu outro desafio, descrever de forma objetiva e concreta o que se vê e não o que sentimos, interpretamos e imaginamos sobre a criança e suas brincadeiras. Como foi difícil fazer esta descrição! A participação do grupo foi fundamental para aprendermos a escolher as palavras que não carregam nossos próprios julgamentos como aconteceram muitas vezes nos nossos encontros, como por exemplo nas descrições mais simples: “a criança brincava na terra e a sua mão estava suja”. O grupo logo percebeu que uma simples palavra como, no caso, “suja”, carregava todo um julgamento pessoal que não condizia com a descrição dos fatos da brincadeira, e sim, uma sensação pessoal da brincadeira com a terra. E assim o grupo ajudava

⁷ Para diferenciar os registros do texto eles estarão sendo apresentados em letra itálica.

⁸ Ricardo Ghelman, médico antroposófico e fenomenólogo, autor do artigo, “Fenomenologia de Goethe aplicada” disponível:

http://filesgeografia.fffch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Atila/2s2019/leituras/aula_2/Fenomenologia_Goethe.pdf

procurando outras formas de descrever por exemplo “que a criança brincava com a terra úmida deixando na sua mão a marca da terra”. Foi assim com pequenos exercícios que o grupo foi se dando conta da importância da escolha das palavras para a observação de uma criança. As descrições foram surgindo e cada qual escolhia um caminho, enquanto alguns começavam pela descrição do ambiente:

Dia claro, sol a brilhar, folhas espalhadas pelo chão... (Patricia C. Andrade)

Em um dia chuvoso, cheguei na sala... (Marcelo Arraes Monteiro)

Em uma sala retangular com vários cantinhos... (Aparecida Camargo)

No momento da chegada ao CEI, na sala todos sentados em roda... (Elisandra Bernardo Gomes)

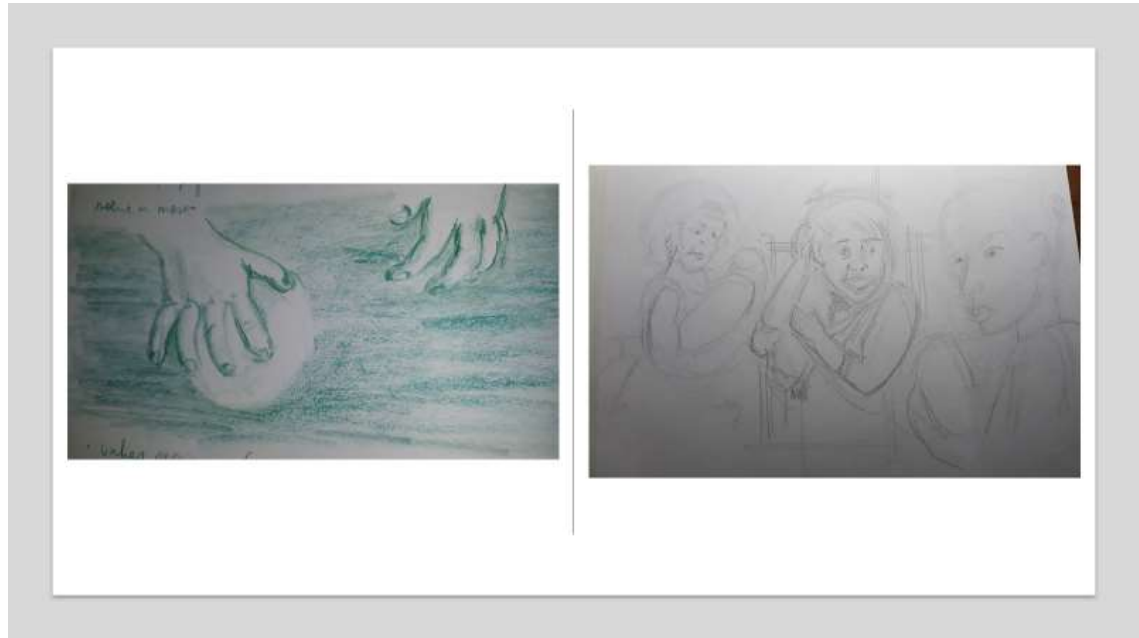
Outros seguiam diretamente para descrição física da criança:

Cabelos loiros escuros, fino, liso. Franja levemente ondulada, pele rosada fina. Olhos castanhos, atentos, lábios bem rosados e grandes. Nariz pequeno, ponta arredondada.... Este foi o meu primeiro registro. Guardo esta criança no meu coração e ela tem me acompanhado diariamente. Este foi o início de uma observação que muito me enriqueceu. (Christiane)

Mas também havia os que descreviam aspectos físicos tanto das crianças como do espaço ao mesmo tempo.

Uma menina clara de cabelos escuros e encaracolados, olhos pretos e lábios rosados, e uma menina de pele morena com cabelos presos com uma fita rosa de laço. Sentadas no banco pintado de cor branca encostado na parede, acima tinha uma janela que dava para ver o pé de uva carregado de cachinhos de uvas verdes. Brincavam alegremente com as bonecas, uma de pano com roupinha de chita e os cabelos com lacinhos, e a outra com os cabelos soltos e a sua roupinha de tecido fino laranja.... (Cleonice Menezes da Silva)

Não há um único caminho, um único jeito de começar, o importante é conseguir nesta primeira etapa perceber cada detalhe de tal forma que nos seria possível desenhá-los no papel, sem faltar nenhuma parte. Como mostram os exemplos abaixo da professora e participante Angélica Fernandes:



Muitas vezes nos surpreendemos com diversos aspectos que nosso olhar cotidiano não havia prestado atenção. Esta caracterização que é ajudada pelas nossas percepções sensoriais vai sendo acompanhada pelo movimento que faz parte da criança que brinca. Este movimento pede uma qualidade mais temporal para os registros da observação.

Ele colocou algumas pinhas dentro de um cone. Ele pegou uma boneca de pano, tirou sua roupa e a colocou junto das roupas dentro do cone de pinhas. Depois me chamou tirou a roupa e a boneca do cone e me explicou que já estavam limpas e começou a vestir a boneca. Passou primeiro o buraco da roupa pela cabeça. Não conseguiu colocar os bracinhos. Tirou e tentou pelos pés, também não conseguiu. Tirou a roupa novamente e tentou mais uma vez. Novamente não conseguiu. Então tirou a roupa sacudiu a roupa e me disse: Ela não quer colocar a roupa! (Daniela Regina Dutra)

O esforço de fazer uma descrição dos gestos da criança que vão compondo pequenos enredos de singelas brincadeiras e que são extremamente corriqueiros no contexto de crianças pequenas, nos mostrava quão adormecido nosso olhar pode se tornar no dia a dia escolar. Entretanto, foi com este olhar atento, como se fosse a primeira vez, que as descrições trouxeram a possibilidade de reflexões mais autônomas para quem observa a expressividade singular da criança e do brincar. Por exemplo, na descrição acima, nos chama a atenção o esforço da criança em tentar sozinha dar conta de uma tarefa que se propôs, neste caso, vestir uma boneca. Estes gestos nos mostram quantas habilidades está exercitando a partir de si e não através de atividades sugeridas pelo educador. Também foi interessante quando, por fim, ela resolve a questão com uma imagem, “ela não quer colocar a roupa”. A criança responde a si mesma de forma lúdica e imaginativa nos contando que por ora aquela tarefa não seria concluída. Este

fechamento não trouxe uma sensação de fracasso ou frustração, ao contrário, uma abertura para posteriores tentativas. Quantas vezes ao pensar na nossa docência percebemos que não achamos palavras com estas qualidades, lúdicas, imaginativas e abertas.

Abaixo outro exemplo que marca tanto o olhar minucioso como o registro de um pequeno enredo que segue temporalmente o movimento da criança:

Com a mão direita está tentando pegar um carrinho de dentro de um caminhão de plástico. Com a mão esquerda, por sua vez, segura um carrinho laranja. Está sentado e suas pernas não tocam totalmente o chão. Desiste de pegar o carrinho de dentro do caminhão e coloca o carrinho laranja dentro dele. Fecha o caminhão. Abre o caminhão. Tira dois carrinhos, um com cada mão, de dentro do caminhão. Põe o carrinho laranja no chão e, com ele faz movimentos para frente e para trás em um piso de E.V.A. .(Ana Paula Lemke)

A descrição da observação do brincar da criança bem pequena é sempre muito trabalhosa. Percebemos que a experimentação corporal, tão comum nesta fase, e que estudamos no desenvolvimento infantil principalmente das crianças até os dois anos, se concentra em situações polares que são a própria brincadeira: dentro/fora, sobe/desce direita/esquerda, tira/coloca. E durante a descrição, a repetição destes movimentos polares alternantes que vão para lá e para cá, mostram que o brincar desta idade não precisa de muitas coisas. Um educador que observa atentamente, consegue perceber a importância desta exploração corporal e conseqüentemente oferece o tempo que a criança necessita e proporciona um ambiente tranquilo para o brincar livre possibilitando à criança brincar com o seu primeiro brinquedo que é o próprio corpo, com os ritmos da vida e com as leis da natureza.

Subiram na cadeira para então subirem na mesa. A partir daí começaram a pular. Fizeram saltos individuais, em duplas, trios, abraçados.... Cada qual caía de uma forma, E assim o riso brotava, a bochecha roseava e a testa suave. Olhos arregalados, não queria perder um só momento, pernas e braços esticados ao voar, flexionados ao pousar. E em seguida punha-se a rolar até novamente se levantar. (Marcelo Arraes Monteiro)

Aqui mais um exemplo, desta vez a descoberta de pular. O movimento traz para a criança a alegria de exercitar a partir de si a sua autonomia corporal tão fundamental para o seu desenvolvimento. Neste exemplo, quando a criança exercita o mesmo gesto de inúmeras formas, no caso pular, evidenciou-se o fato de que ela está buscando se apropriar do movimento cujo desdobramento é a conquista de autonomia e novas habilidades. Portanto quando falamos sobre o tema autonomia que é tão importante para a educação, mostrou-se que a primeira

conquista de autonomia é corporal e que se mostra nitidamente quando a criança começa a andar, mas que durante todo o seu primeiro setênio ela vai adquirindo e aprimorando capacidades por meio do brincar.



Os brinquedos ficaram disponibilizados em caixas no chão da sala. Um grupo de alunos separou, primeiramente lençóis, uma caixa com boneca, alguns toquinhos. A princípio queriam fazer uma barraca em uma mesa, então perceberam que ali não daria para amarrar; “Já que ali não tinha janela” (fala de um aluno.) Então um grupo foi próximo a janela, tiraram os baldes, pegaram um pano pequeno, tentaram amarrar e verificaram que com ele não daria certo. Procuraram um maior e tentaram montar, prenderam o pano no puxador da janela e nos armários, uma aluna disse que não daria certo, pois tinha que deixar esticado o tecido, verificaram que realmente tinha que deixar o pano totalmente aberto. Uma aluna teve a ideia de puxar todo o lençol e ver onde daria para amarrar, outro aluno quis prender a outra parte em um brinquedo de plástico. Uma criança disse que não ia dar certo e daí resolveu amarrar na cadeira. Depois de um tempo eis que a barraca ficou pronta. E toquinho de madeira virou churrasco. (Luciene Souza Dias)

Os registros além da escrita eram compostos por desenhos e fotos que os educadores anexavam aos relatos. E foi visível que compor as descrições com imagens aperfeiçoava o olhar do observador.

Após muitas descrições que continham os detalhes de cada gesto, mas também a temporalidade do movimento da brincadeira se expressando em pequenos enredos corporais ou imaginativos, os registros foram, lentamente, adquirindo uma nova qualidade. As observações de todo este processo inicial nos indicavam um sentimento que estava relacionado ao mergulho que fizemos nos processos de brincadeiras das crianças. A escrita foi trazendo então este novo elemento, a possibilidade de pequenos e singelos relatos por meio de frases e versos:

*Estica, puxa, prende e laça
Com alguns paninhos terei uma casa
Cadeiras e mesas, cavaletes e tronquinhos
Com muito trabalho farei o meu ninho...*
(Ariane Christie de Moraes)

*A criança está ajoelhada e brinca com a bola,
Apalpa e segura entre as mãos.
Então levanta e deixa a bola cair.
Vai brincar com outras coisas. (Irene Izilda)*

*TOC TEC raspa, raspa, na panela uma colher
Comidinha de areia, M. vem com a peneira.
M. come algo: será amora ou pitanga?
Daqui de longe, eu não vejo*
(Angélica Fernandes)

*Dentro do cesto
Estão duas meninas
Brincando de cuidar
De seus bebês
Logo se percebem bebês
Como as bonecas. (Juliana de Favari Stangorlini)*

Algumas participantes também criaram pequenos contos nesta fase da observação. O caminho de observação fenomenológica de Goethe, após a exatidão e objetividade dos primeiros passos - a “percepção sensorial exata” e a “percepção temporal”⁹ descritas anteriormente, nos oferece também a possibilidade de entrarmos para um processo mais qualitativo. Surge um sentimento que parte das observações minuciosas e que se expressam em uma escrita mais poética. Muitas vezes nos surpreendemos com a sensibilidade do conteúdo que surgiu no grupo. Enquanto os dois primeiros passos são mais áridos porque exigem do observador um rigor em detalhes que não é tão comum ao nosso olhar, neste momento, o processo de observação integra-se a percepções mais qualitativas, expressando-se de forma mais lúdica e imaginativa.

Depois de passarmos o semestre observando a criança brincando e construindo um caminho de observação e, ao mesmo tempo, revendo os nossos olhares de educadores, chegamos ao último encontro com algumas preciosidades. Estas não mais se relacionavam com uma única criança ou brincadeira, se aproximaram de uma qualidade mais essencial. É uma etapa muito mais interiorizada, quase o coroamento do caminho de observação. Neste momento integramos dois mundos, o da natureza sensorial externa que foram feitas com exatidão e objetividade nas inúmeras descrições realizadas no começo de todo o processo, com a natureza interna do nosso pensar, sentir e querer. Assim, a criança e o brincar não parecem mais conceitos abstratos, e sim, um conhecimento vivo, pulsante e criativo. A observação fenomenológica de Goethe pode nos dar a oportunidade de, por meio dos nossos próprios sentidos, do nosso próprio esforço, depois de muitos exercícios e estudos, conhecer o mundo e assim produzir conhecimento para chegar mais próximo da essência dos fenômenos. E que alegria quando depois deste longo processo, uma das participantes, nos presenteia com sua escrita tão íntima e cheio de significados!

Na terra quero pisar

E um chão quentinho encontrar

Na terra quero brincar

E um lugar aconchegante encontrar

Na TERRA quero ficar

Em um bom ambiente para se mostrar. (Rebeca Rangel)

⁹ No artigo de Ricardo Ghelman, Fenomenologia aplicada de Goethe, ele nomeia e especifica cada passo deste caminho de observação que foi utilizado como um dos textos de estudo do grupo.

Outro depoimento impactante, mas que não foi redigido, portanto será compartilhado aqui pelas nossas lembranças, foi quando uma das participantes nos relatou que esta experiência, a observação do brincar na criança, a cada novo passo foi lhe proporcionando um grande encontro consigo mesma, revelando que a observação fenomenológica é um caminho de “via dupla” para dentro da essência da criança brincante e do próprio educador que se propõe a esta caminhada.

Durante os encontros foram trazidos inúmeros depoimentos sensíveis e profundos que retratavam encontros e reencontros com seus alunos e filhos, com sua criança interior e com o adulto educador, depoimentos estes que nos inspiraram para compartilhar um pouco desta experiência, para que mais educadores possam se sensibilizar para o caminho de observação fenomenológica de Goethe.

Considerações finais

O caminho de observação exercitado no nosso grupo de estudos nos mostrou que cada detalhe da criança na sua expressividade do brincar tem sua relevância, e que é necessário um educador que antes de qualquer coisa tenha interesse, que consiga sair de si em direção ao outro. As crianças nos seus mais diversos contextos precisam deste olhar interessado, minucioso, detalhado, mas também poético e criativo. Este grupo de estudo teve a intenção, mais do que se deter a uma metodologia, criar a possibilidade da percepção do outro que é tão fundamental para o profissional da educação.

Admirar e ter interesse pelo gesto mais singelo de uma criança na sua expressão espontânea que é o brincar, faz a nossa prática docente se transformar em um frutífero encontro onde crianças e educadores se desenvolvem.

Referências bibliográficas¹⁰:

BACH JR., J; CARNEIRO, S.B.P. **Il gioco e la Pedagogia Waldorf: fenomenologia dell'espressività immaginifica.** IN: SAVIO, Donatella; MORO, Catarina. *Giocare per*

¹⁰ Estas referências foram textos ou trechos selecionados que fizeram parte do grupo de estudo: *Observação do Brincar das crianças na Educação infantil: um olhar fenomenológico.*

costruire mondi. Prospettive e esperienze per l'educazione infantile, tra Italia e Brasile. Milano (Itália): FrancoAngeli, 2019. p.79-95

GHELMAN, R. **Fenomenologia aplicada de Goethe**

GOETHE, J. W. **O experimento como mediador entre objeto e sujeito**

HOLDREGE, C. **Thinking like a plant, a living science for life**. United States of America, Lindisfarne, 2013.¹¹

_____. **Praticando a ciência goetheana**. The nature institute. 2016¹²

MACHADO, M.M. **Merleau-Ponty & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010

¹¹ Para aula usamos o texto traduzido livremente do primeiro capítulo deste livro.

¹² Artigo original em inglês "Doing Goethean Science" por Craig Holdrege disponível: <http://www.janushead.org/8-1/holdrege.pdf>)